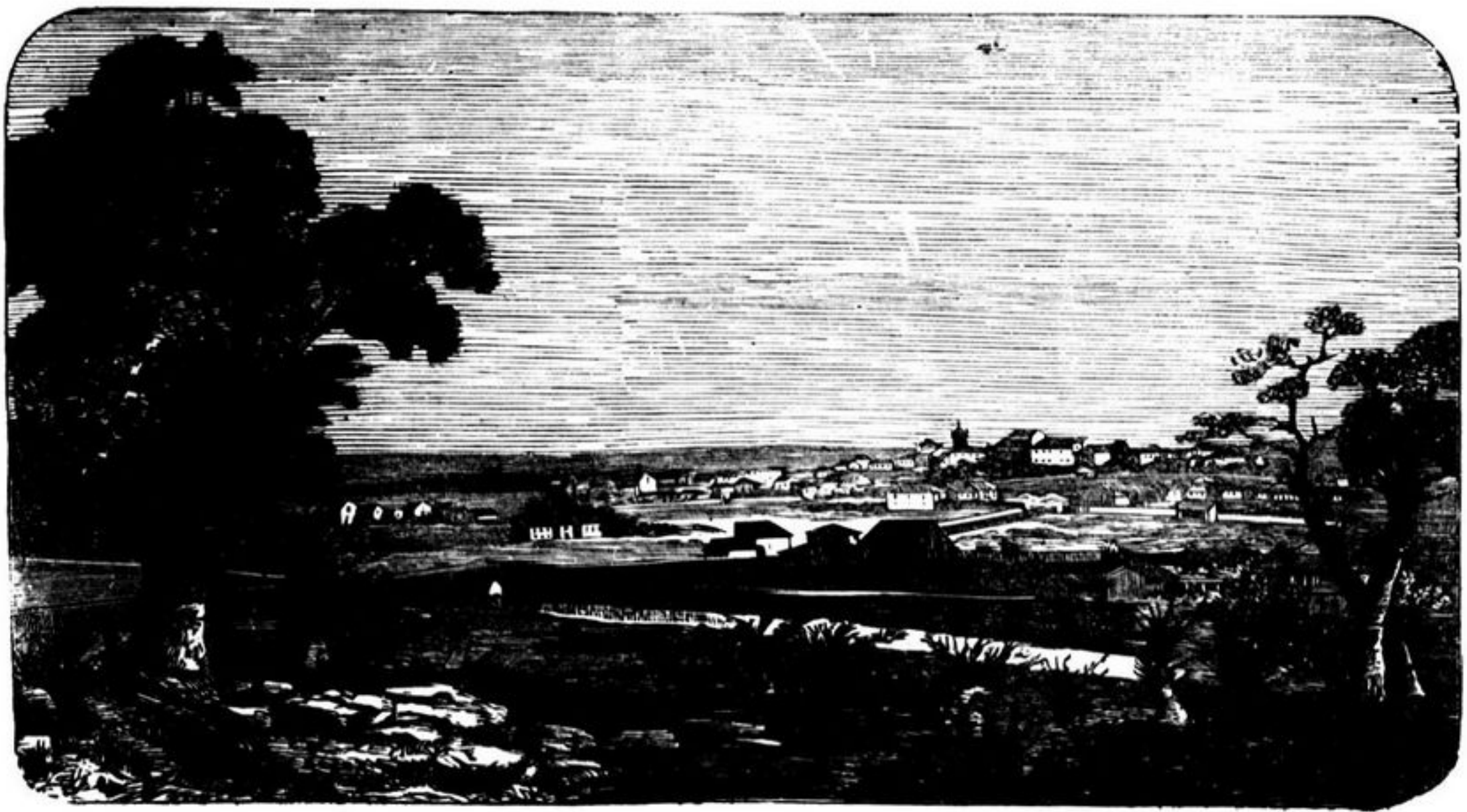
2.° Anno Lisboa, 28 de setembro de 1885 Numero 11

A Illustração Portugueza

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; D. G. Torrezão; Gallis (A.); J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; M. de Assumpção; Marcellino Mesquita; P. dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

A VILLA E O CASTELLO DA LOUZÃ

SUMMARIO

CHRONICA

Divisam-se já no horisonte uns vagos tons outoniços, que nos deixam entrever a proxima reabertura de S. Carlos, e que nos restituem, pouco a pouco, a *haute gomme* espalhada pelas *cottages*, pelas *villas* e pelas estações thermaes em voga.

O pallido outono das noites humidas e das tardes fugidias começa a deitar a cabeça de fóra, por entre castellinhos fanthasticos de nuvens pardacentas. Lufa-

das de vento agreste annunciam-nos o cair das folhas, na sua linguagem mysteriosa e indecifravel. As *mousselines* e os *zéphyrs*, diaphanos como auroras, estão prestes a deixar-nos. E' a guarda avançada do inverno que se approxima, retomando o seu bivac.

Bem vinda seja!

Lisboa começa a animar-se, aos primeiros assomos outonaes que se pressentem. De manhã, carruagens carregadas de malas e meios-mundos cruzam-n'a em todos os sentidos. Umas entram, outras partem. As que chegam são em maior numero, mercê de Deus.

A *gare* de Santa Apolonia offerece-nos, n'esta epoca, um aspecto curiosissimo, digno de ser estudado. Gente que partira para as estações thermaes, com o rosto pallido e chlorotico, volta nos comboios, exhibindo-nos bellas côres rosadas e sadias, graças ao ar puro das montanhas do Norte, e ao ferro e ao arsenico absorvidos tranquillamente lá fóra. Os anemicos e os infezados regressam aos seus penates com uma demão de tinta vermelha nas faces, promptos para affrontar os rigores da proxima invernia.

E, salvas raras excepções, todos os que voltam veem radiantes de contentamento. Homens, mulheres, velhos e creanças parecem felizes de rever o seu *home* confortavel, por tanto tempo abandonado. O mundo elegante rejubila, sonhando o ante-gozo das noites da *Carmen* e da *Herodiade*, pensando na reapparição da Borghi casada. Chegado aos seus palacios sumptuosos, tem sorrisos de prazer indefinivel, quando o olhar, farto de vêr campo, lhe cae sobre mil pequeninos nadas de que se apartára com funda saudade, amigos mudos a quem tantas cois s se dizem e tantos segredos se confiam.

Apesar do seu habito de luxo e de conforto, essas felizes creaturas sentem-se bem, pisando de novo, no regresso, as alcatifas flaccidas dos *boudoirs* e dos salões... As luzes que scintillam nos candelabros parecem-lhes mais brilhantes, a meza mais bem servida que de ordinario, os creados mais diligentes. Tudo respira, em torno de si, um ar de festa encantadora e estranha.

As creancinhas correm açodadas, a rever os seus brinquedos feiticeiros e a informar-se se mr. Polichinello e mademoiselle Lilli estiveram por cá com juizinho. As mães de familia percorrem febrilmente todos os aposentos, relancêam um olhar curioso sobre as suas porcelanas de Saxe, comprimentam as suas queridas *japonaiseries*; dão os bons dias ás estatuetas de bronze, do fogão; dobram o bordado que ficou para ali, por acabar, em cima de um movel; accordam o seu Pleyel com dois compassos d'uma sonata de Chopin, sabida de cór, e depois fazem a lista dos fornecedores que teem de visitar na manhã seguinte, muito contentes, muito despreoccupados e felizes.

Elles, os maridos, vão logo direitos á bibliotheca, cortar as folhas ao ultimo livro de Ramalho, ou saborear, em leitura rapida, os primeiros alexandrinos luminosos da *Velhice do Padre Eterno*. E, cada um por seu lado, achando-se restituido ao conforto dos seus tapetes, dos seus divans, das suas *causeuses*, exclama, com a paz dentro d'alma:—Como isto é bom!

Ha desgraçados, que partiram sós e que sós regressam á sua triste alcova solitaria. Em viagem, atordoaram-se com o ruido facticio feito em torno de si; adormeceram as suas tristezas ao som d'uma musica mais ou menos doce; esboçaram um romance d'amor que morreu no prologo; e depois, como uma espiga de trigo esquecida pelo ceifeiro, ficaram sósinhos e abandonados na campina immensa. Esses infelizes entram em casa, uma casa desconfortavel e deserta, e cada objecto com que ali topam lhes arranca uma lagrima das palpebras. Os pensamentos affluem-lhes então ao cerebro, em tropel. Acham-se tristes, é verdade, mas, no meio da sua tristeza, entreveem uma visão quente, cheia de recordações dulcissimas, e exclamam tambem, como os outros: Deixal-o! Sempre é bom voltar!...

Não pensou da mesma forma a actriz Pepa, aquella Niniche franzina e graciosa, que o Francisco Palha attrahira ao aprisco da Trindade para delicia dos velhotes bregeiros.

Quando toda a gente recolhia aos bastidores da capital, preparando-se para uma temporada d'inverno, que promette ser deliciosa, a gaiata Pepa abandonava subrepticiamente e *au pied levé* os bastidores do theatro, fazendo figas tortas ao emprezario caurinado.

Em antagonismo perfeito com os exploradores da Africa, que voltam, a gentil exploradora dos Brazis achou melhor deixar-nos pelas terras de Santa Cruz, onde canta o sabiá, e bateu as azas, e foi-se, e o governo civil protegeu a escapada do colibri, e o Chico Palha, fulo, só tem, como unico recurso, dar lhe uma descompostura na tabella ou chamar-lhe ladra pela imprensa, desabafos impotentes, que não conseguirão trazer ao aprisco a ovelha desgarrada.

A' hora em que escrevemos, a vaporosa Lili das cançonetas picantas vae-se por esse oceano fóra cantando os lindos amores, n'um duo de troça com o *espirito maligno* que a acompanha. D'esta vez, a loira Niniche abandonou a valer o seu principe Ladislau, e, se não foi para Trouville, tomar banhos salinos com um diplomata polaco, foi para o Rio de Janeiro tomar ares, em companhia d'um judeu... errante.

Não damos os parabens aos banheiros Gregorios da capital do Imperio, porque a Niniche fugitiva vae um tanto avariada.

E deslisou serenamente a semana, sem que outro assumpto de sensação houvesse para dar pasto á má lingua e mote ás gazetilhas picarescas, além da fugida da Pepa, da Pepa Ruiz, como ella propria se chama, n'um adeus muito choradinho enviado á imprensa periodica.

E por emquanto, ninguem conhece o motivo d'aquella abalada repentina. Sabe-se porque rasão a Rumelia se sublevou contra os turcos; não se ignoram os porquês da attitude fraca do governo Canovas em frente do Bismarck manhoso; todos ahi sabem dizer em que se parece o sr. Aguiar com um moleiro; descobrio-se já o segredo das zangas da princeza Battazzi, no ultimo numero das *Matinées Espagnoles*; percebeu-se que a Russia leva rasca na assadura da sublevação do principe Alexandre, e só se não atinou ainda com as causas proximas ou remotas da partida da Pepa.

Porque se foi ella? Mysterio!... Talvez o Sousa Bastos o saiba... talvez...

Com a pressa da abalada, a franzina *chanteuse* nem quiz esperar pela ultima refórma das alfandegas, que talvez a beneficiasse com um logar d'apalpadeira; nem gosar o espectaculo unico da entrada da sombra da Terra sobre o disco da Lua, que se realisou ha cinco dias, exclusivamente para o nosso indigena, a pedido de varios noctivagos libertinos; nem assistir, em S. Carlos, á conferencia de Capello e Ivens; nem vêr como estes valentes dão conta ao paiz do que por elle fizeram.

Pois iremos nós vel-os e ouvil-os, gravemente encasacados, como requer a solemnidade do acto, aprender n'essa brilhantissima narrativa o modo porque se atravessa a Africa a valer, sem descobertas de fanthasia nem sciencia de contrabando.

Iremos, e contar-te-hemos depois tudo, leitora amiga, que estás impaciente por sabel-o.

CASIMIRO DANTAS.

PENSAMENTOS NAPOLEONICOS

Hoje, que tantos acontecimentos têem decorrido, depois que Napoleão I soltou ao vento do mar, em Santa Helena, as confidencias do seu espirito, não deixa de ser curioso reunir n'uma especie de *scrap-book* alguns d'esses pensamentos do grande homem, de que os acontecimentos contemporaneos estão sendo um eloquente commentario.

A 13 de abril de 1816 dizia Napoleão:

«A Europa, dentro em pouco, não formará senão dois partidos inimigos; a divisão não se fará por povos, nem por territorios, mas sim por opiniões e côres. E quem póde dizer as causas, a duração, os pormenores de tantas tempestades? Porque o resultado não póde ser duvidoso, as luzes e o seculo não retrogradarão. Que desgraça que foi a minha quéda! Eu tinha fechado o odre dos ventos, as bayonetas inimigas rasgaram-n'o. Eu podia caminhar pacificamente para a regeneração universal, que, d'aqui por diante, não se executará senão atravez das tempestades! Eu amalgamava; talvez os outros extirpem.»

Não deixa de ser curioso que Napoleão declarasse que queria marchar pacificamente para a regeneração universal. Este adverbio *pacificamente*, casa-se na realidade de um modo admiravel com a vida de Napoleão I, que não foi senão uma continuada campanha. Mas ainda assim, que prophecias n'estas palavras! A *Internacional*, ligando os interesses e as paixões das classes operarias, e desprezando a ideia de patria, está mostrando que o grande homem se não enganava. As sinistras ameaças da guerra social, o procedimento da Communa de Paris, mostram igualmente que elle se não illudia quando prophetisava a extirpação a substituir o amalgama!

A 28 de abril de 1816 e a 6 de novembro do mesmo anno dizia elle o seguinte, em duas confidencias que se completam:

«Eu queria preparar a fusão dos grandes interesses europeus, da mesma fórma que operava a dos partidos entre nós. Tinha a ambição de ser arbitro, um dia, da grande causa dos povos e dos reis; precisava para isso de crear para mim mesmo titulos junto dos reis, de me tornar popular no meio d'elles. E' verdade que o não podia fazer sem perder alguma coisa junto dos povos; eu bem o sentia, mas era omnipotente e pouco timido; pouco me importava com os murmurios passageiros dos povos, tendo a certeza de que o resultado m'os devia trazer de novo infallivelmente.

«E para que, afinal de contas? Eu já respondo: para fundar uma nova nacionalidade e para evitar grandes desgraças; o velho systema está destruido, e o novo não está assente, e não o ficará sem haver ainda novas e furiosas convulsões.»

Em 1816 ninguem, a não ser Napoleão, sonhava em semelhantes coisas. Era elle, só elle que, com a perspicacia do genio, adivinhava qual tinha de ser ainda o futuro das instituições européas.

Querem vêr ainda como o ideal de Napoleão, o despota, se confunde com o dos democratas mais avançados? Oiçam-n'o ainda no dia 11 de novembro de 1816:

«Um dos meus grandes pensamentos fôra a agglomeração dos mesmos povos geographicos que dissolveram e fragmentaram as revoluções e a politica. E' assim que se contam na Europa, ainda que dispersos, mais de trinta milhões de francezes, quinze milhões de hespanhoes, quinze milhões de italianos, trinta milhões de allemães; eu quereria fazer d'estes povos um só corpo de nação. Com semelhante cortejo é que seria bello entrar na posteridade por entre as bençãos dos seculos. Sentia-me digno d'essa gloria!

Depois d'esta simplificação summaria, seria mais possivel entregar-me á chimera do bello ideal da civilisação; n'este estado de coisas é que se encontrariam mais probabilidades de produzir por toda a parte a unidade dos codigos, dos principios, das opiniões, das vistas e dos interesses. Então, talvez, a favor das luzes universalmente espalhadas, se tornaria permittido sonhar, para a grande familia européa, a applicação do congresso americano, ou a dos Amphictyões da Grecia; e que perspectiva então de força, de grandeza, de gosos, de prosperidade! Que grande e magnifico espectaculo!

. . . .

«Seja como fôr, esta agglomeração virá, cedo ou tarde pela força das coisas; o impulso está dado e não creio que, depois da minha queda e da desapparição do meu systema, haja na Europa outro equilibrio possivel que não seja a agglomeração e a confederação dos grandes povos. O primeiro soberano, que, por meio da primeira grande lucta abraçar de boa fé a causa dos povos, achar-se-ha á frente de toda a Europa e poderá tentar tudo quanto quizer.»

Então não estão aqui pregados os Estados Unidos da Europa que foram o ideal politico de Victor Hugo, e dos seus confrades republicanos? Esta coincidencia não é filha simplesmente do acaso. Ha mais pontos de contacto do que se imagina entre o despotismo cesarista e a demagogia republicana. Não insistiremos n'este ponto, que se prestava a largos desenvolvimentos, porque não vimos fazer para a *Illustração Portugueza* artigos politicos.

Limitamo-nos a reunir, ao correr da penna, n'uma especie de *scrap-book*, como dissemos, as curiosidades historicas e litterarias e até mesmo scientificas que podem interessar ou entreter de um modo util os leitores d'estes semanarios illustrados, feitos para os serões de familia no inverno e para as horas de calor debaixo das arvores no estio.

Se passamos agora a colher alguns pensamentos soltos nas obras do outro Napoleão, encontramos em primeiro logar a differença que vae do genio ao talento. Desapparecem as idéas definidas e profundas e surgem as formulas vagas; mas as surprezas não são menores. Notemos tambem que os pensamentos que acabamos de consignar n'estas paginas são os pensamentos de Napoleão, depois de terminados os seus maravilhosos destinos; os que vamos agora passar em revista são os pensamentos do outro Napoleão, de Napoleão o pequeno, antes da sua entrada na scena politica.

Oiçamos pois Luiz Napoleão Bonaparte:

«Quanto mais o mundo se aperfeiçoa, quanto mais se alargam as barreiras que dividem os homens, mais paizes ha que os mesmos interesses tendem a reunir. Quanto mais progressos tem feito a civilisação, mais esta transformação se tem operado n'uma grande escala.

«D'antes as pugnas eram de porta para porta, de collina para collina; depois o espirito de conquista e de defeza formou cidades, provincias, Estados, e tendo um perigo commum reunido uma grande parte d'essas fracções territoriaes, formaram-se as nações. Então, abrangendo o interesse nacional todos os interesses locaes e provinciaes, não houve pugnas senão de povo para povo, e cada povo a seu turno passeiou triumphante no territorio do seu visinho, quando teve um grande homem á sua frente e uma grande causa atraz de si.

«A communa, a cidade, a provincia foram pois successivamente ampliando a sua esphera social, e alargando os limites do circulo, para além do qual existe o estado da natureza. Essa transformação parou na fronteira de cada paiz, e é ainda a força e não o direito que decide do destino dos povos.»

E havia muita gente que pensava que o famoso aphorismo: *La force prime le droit*, fôra formulado pelos vencedores de Sedan! Enganavam-se todos. O homem que havia de ser vencido em Sedan é que dera antecipadamente ao mundo a formula que se tornou depois a divisa d'aquelles que o esmagaram!

Ouçamos ainda outras curiosas confidencias:

«Os suissos não estão de accordo A maior parte dos cantões que se denominam aristocraticos fizeram uma revolução cantonal; os outros pequenos cantões, chamados democraticos, recusam-se a participar da alliança commum, porque chamam liberdade aos abusos que lhes deixaram e aos privilegios que exercem. Como a sua vista estreita não passa dos limites de um cantão, esquecem o interesse commum, e pelos desgraçados effeitos de um systema que tende sempre para o isolamento, julgam-se antes alliados dos outros cantões do que filhos de uma mesma patria.

. . . .

«Se se lança uma vista de olhos para os destinos das diversas nações, recua-se com horror, e eleva-se então a voz para se defenderem os direitos da razão e os da humanidade. Effectivamente o que se vê por toda a parte? O bem-estar de todos sacrificado não ás necessidades, mas ao capricho de um pequeno numero. Em toda a parte dois partidos em presença: um que marcha para o futuro para alcançar o util; outro que se aferra ao passado para conservar os abusos. Ali vê-se um despota que opprime, aqui um eleito do povo que corrompe; ali um povo escravo que morre para adquirir a sua independencia; aqui um povo livre que definha porque lhe roubam a sua victoria.»

Que nos dizem d'esta indignação de Napoleão III contra os eleitos do povo que corrompem, contra o facto de ser o bem estar de todos sacrificado aos caprichos de um pequeno numero!

PINHEIRO CHAGAS.

A HOLLANDA

Este bello e bom livro, que me foi delicadamente offerecido pelo autor, veiu encontrar-me na especial disposição de espirito em que mais e melhor poderia deixar-me impregnar do encanto que de todo elle se exhala.

Longe do tumulto das cidades, quasi só com o mar que desdobra a dois passos do meu tugurio o seu alvo lençol de espuma, podendo embeber os olhos, a perder de vista, no profundo e luminoso azul do ceo da Peninsula, que os telhados de Lisboa retalham brutalmente, servindo-o em pequenas aguarellas, sujas pelo fumo das fabricas; tendo ainda nos nervos a vibração de

Paris, com todos os seus ruidosos assombros, e achando, por isso mesmo, um prazer novo na solidão, n'este meio somno acordado que nos prostra inactivos, em quanto a imaginação divaga pelo radioso paiz do sonho, o livro de Ramalho Ortigão veiu como que cristalisar as impressões que emplumam dentro da minha alma, não ousando abrir as azas, veiu completar-me muitos pensamentos hesitantes, revelar-me muitos pontos de vista ignorados, e ensinar-me como é que um artista, pelo simples poder da sua palavra, opulenta de som e de côr, póde arrancar-nos á nossa tradicional indolencia, obrigando-nos a viajar com elle, e dando-nos em 360 paginas, palpitantes da sagrada commoção do pintor que vive a sua obra, a perfeita e completa identificação com uma raça, um povo e um paiz, que ficamos conhecendo, admirando e amando, sob o imperio d'esse maravilhoso estylo meridional, que dispõe, com espantosa facilidade, de todas as tintas e percorre com a mesma espontaneidade a variada escala de todos os tons.

Como eu adoro a Hollanda, ao despedir-me d'este livro encantador, em que a patria de Guilherme d'Orange nos sorri como um pequeno eden, perdido no mappa geographico, um eden divinamente e rigorosamente aceiado, lavado pelas caudalosas aguas dos rios, escovado, desde as folhas das arvores até aos sapatos das creadas, até ás chaminés guarnecidas de madeira de carvalho e forradas de faiança de Delft azul e branca, e até ás manjedouras, com janellas envidraçadas, cortinas de cassa branca, suspensas por um tope de seda azul e construidas de pinho lixado, de uma nitidez de arminho.

E como depois de o ter lido, eu me sinto habilitada para entender e avaliar a profunda e encantadora simplicidade rustica dos interiores flamengos de Van Ostade e Gerardo Dow, em que n'um banho de clara luz festiva caindo do alto de uma janella que abre para o Oriente, se recorta a face rubra e franca de um gordo hollandez, sorrindo-se para a cerveja que espuma no canjirão, dilatado no conforto do seu *at home* resplandecente como um espelho, onde moireja uma vigorosa dona de casa, de perfil tranquillo e forte, docemente afagado pelos folhos de uma touca branca como um rolo de neve...

O descriptivo, que constitue a superioridade caracteristica do talento de Ramalho Ortigão, eleva-se n'este curioso livro ao ponto culminante, que raros artistas conseguem attingir.

O escriptor, dotado de uma singular finura de impressão e de assimilação, deixa-se possuir sem restricções, abandonando-lhe todas as suas delicadas sensibilidades, pelo quadro que viu e que pretende fazer-nos ver.

O contagio d'essa commoção, que sentimos palpitar ao nosso contacto, que está ali dentro d'essas paginas, que nos falla, que nos chama, que nos arrasta, que nos domina, transmitte-se nos rapidamente e vem direita a nós, possuir-nos e conquistar-nos, porque é uma commoção sincera, expressa em uma linguagem nervosa e colorida, por um artista verdadeiro.

Ramalho Ortigão falla-nos da Hollanda sob o duplo ponto de vista do estudioso, que se dirige ao facto positivo, á noticia historica, procurando entender e definir um povo, não pelo aspecto superficial de uma rua, de um edificio ou de uma physionomia, mas descendo ao fundo da tradição e indo procural-o á corrente ethonologica; e o do poeta, que solta as azas á musa, depois de lher haver confiado um braçado de exquisitas e perfumadas flôres, que ella vae desfolhando um pouco ao acaso, correndo sempre, voando não raro e deixando por onde passa o inebriante e precioso aroma de uma essencia do Oriente...

Concluirei esta incompleta e rapida noticia, arrancando ao admiravel livro de Ramalho Ortigão a pagina que se refere a mademoiselle Thereza Schwartze, a Rosa Bonheur da Hollanda:

«Muito moça ainda, mademoiselle Schwartze é filha de um professor de pintura da academia de Amsterdam, fallecido ha poucos annos em plena força de trabalho, tendo acabado apenas de estabelecer em bases tranquillas a sua existencia, no momento de começar a occupar-se do futuro da familia, á qual, surprehendido pela morte a meio destino, legou apenas os primeiros centos de florins economisados ao fundo da gaveta, alguns moveis artisticos e *bibelots d'atelier*. Uma viuva, duas filhas, um rapaz inhabil por doença para trabalhar, postos repentinamente á beira da miseria.

Mademoiselle Schwartze, a pessoa mais nova da casa, na edade de vinte annos, com a educação usual de toda a menina bem creada na Hollanda, fallando quatro linguas, tocando um pouco piano e tendo do desenho as luzes elementares essenciaes a uma mulher da sociedade para não dizer parvoices nos museus, e para esboçar em caso de necessidade um *croquis* pittoresco no album de uma amiga intima, tomou corajosamente o encargo de amparar pelo trabalho a casa orphã, e encerrando-se no *atelier* abandonado, entre os pinceis ainda embebidos em tinta, no meio dos carvões dispersos e quebrados na mão de seu pae, começou afincadamente a desenhar desde pela manhã até á noite.

A primeira das suas obras foi—cuido eu—um retrato feito de recordação. Technicamente fallando, era começar mal o começar por uma obra a que faltava a principal condição de um trabalho d'arte, a investigação da natureza, a fidelidade ao modelo vivo. Mas esse retrato era o do pae da autora, e n'esta obra de piedosa evocação filial, que uma revista do tempo reproduziu, que eu mesmo examinei, havia uma tão intensa palpitação de vida inquirida, uma tão doce expressão de melancholica saudade, que só de per si esse desenho bastaria para revelar em quem o concebeu e executou, a privilegiada organisação psychologica de um grande artista, o rebate d'essa mysteriosa força a que alguns chamam ainda a inspiração, e que não é mais de que a sensibilidade excepcional communicada ás fórmas exteriores do pensamento, e pondo na obra executada o divino raio luminoso, reflexo inconsciente do espelho de lagrimas que tem no fundo do seu ser todo o verdadeiro dominador das linhas, das côres, dos sons ou das palavras, por meio das quaes se representa na arte a commoção humana. Determinada na fixação da sua carreira pelos resultados d'este primeiro trabalho, reuniu o resto dos seus haveres e foi estudar durante um anno na academia das bellas-artes de Munich.

Ao cabo d'esse tempo começou a expôr e a vender os quadros; fez successivas viagens de estudo a França e á Belgica; foi premiada no ultimo *salon* em Paris; foi eleita, com Bounat, vogal do jury da exposição internacional de pintura em Amsterdam; e é presentemente considerada,—creio que sem protesto de ninguem,—o primeiro pintor de retratos na Hollanda.

A rainha Emma escolheu-a para fazer o seu grande retrato em corpo inteiro, que está no palacio da Haya; foi ella ainda quem retratou a familia do burgomestre em Amsterdam, quadro exposto em Paris ha dois annos; e são do seu pincel muitos retratos de senhoras e professores illustres das universidades da Hollanda, sendo cotadas em cem libras esterlinas cada uma, as suas telas mais pequenas, de retrato em busto.

A casa de mademoiselle Schwartze, no Prinsengracht (canal dos Principes) em Amsterdam, é o mais genuino exemplar do predio typo hollandez. Estreito e alto, duas janellas de fachada, tres andares, escada exterior de seis degraus á entrada, a trave da roldana no alto do *pignon*.

Trepei pela escada estreita e ingreme, coberta pelo irreprehensivel tapete em listas, seguro aos degraus em varetas de cobre reluzente, até ao *atelier*, no ultimo andar. Pequeno quarto alegrado pela luz do tecto e por uma larga janella aberta ao norte, adornada com uma gaiola onde canta um canario. Varios tapetes orientaes no chão, o estrado do modelo, o grande espelho, o biombo, alguns moveis artisticos, *fauteuils* de varias fórmas, faianças, cerca de uma duzia de quadros apoiados nos cavalletes, e toda uma existencia de artista e de mulher, revelada n'uma enorme accumulação de documentos: albuns, pastas, livros, brochuras, revistas, lembranças de viagem, photographias, leques, luvas, flores seccas, saccos de pastilhas, bilheteiras, *sachets*, moldagens em gesso, *bibelots*, gavetinhas de contador entreabertas, deixando transbordar as cartas, os *enveloppes*, as variadas folhas de papel marcado com divisas e com monogrammas.

Pouco depois da minha apresentação, mademoiselle Schwartze, que trabalhava no retrato de uma menina, descia com o seu modelo á casa de jantar, junto ao salão no pavimento do rez-do-chão, e obrigava-me, do modo mais gracioso e mais simples, a participar do seu almoço, á frescura do jardim, junto da janella aberta enquadrada de arbustos, servindo-me uma taça de caldo, um copo de vinho branco do Rheno e uma serie d'essas phantasticas rodellas de salmão fumado, finas como hostias côr de rosa, que só as *menageres* hollandezas teem a arte de trinchar em regra, para que esse peixe constitua, entre fatias de pão torrado, com manteiga e mostarda, um dos sabios acepipes que mais honram a gastronomia da Hollanda.

E desde esse dia, durante dois mezes que residi em Amsterdam, mademoiselle Schwartze, adivinhando os meus interesses de jornalista e os meus gostos de viajante, aproveitou com o mais delicado criterio da hospitalidade para com um estrangeiro innumeras occasiões de me ser util; convidando-me para as suas espirituosas *soirées* de artistas, para os seus jantares a pessoas estrangeiras suas amigas, attrahidas em viagem á exposição; proporcionando-me as mais instructivas visitas aos museus e ás collecções d'arte; fazendo-me a honra de nomear-me seu caixeiro na barraca a que presidiu com a sua amiga, a illustre pintora Hally Moess, em um *fancyfair*, em beneficio das victimas do terremoto da ilha de Java; e, finalmente, retratando-me, bem como ao meu amigo, o desenhista parisiense *Mars*, em dois magistraes desenhos a carvão.»

Guiomar Torrezão.

A MENINA DOS PINTASILGOS

No largo da Paschoa havia ha annos, naturalmente ainda existe, um pequeno predio verde, de um só andar, com o seu competente rez-do-chão, onde morava a senhora Anna de Jesus, ervanaria, conhecida em toda a freguezia de Santa Izabel.

No primeiro andar habitava o senhorio, antigo capitão de

EM CASA DA AMA

navios, que fizera duzias de viagens para a Africa Occidental, de que lhe resultára uma hepatite chronica, e de vez em quando symptomas de febres paludosas. Em compensação, capitalisára algumas centenas de libras com que comprára inscripções de assentamento, e quatro predios pequenos, incluindo aquelle em que morava. Era casado, não tinha filhos, gostava da boa pinga, dando a preferencia á cachaça de Cabo Verde.

Rude nas maneiras, o coração do velho maritimo era lavado de odios, e fazia á pobreza todo o bem que podia.

No rez-do-chão do predio morava, como já dissemos, a ervanaria Anna de Jesus, com uma filha, Maria da Ascenção se chamava ella, mais conhecida no sitio pela menina dos pintasilgos.

Tinha a casinha d'ellas apenas uma porta para a rua, e uma janella tambem unica, onde se viam penduradas as gaiolas de dois alegres pintasilgos que eram o enlevo da visinhança, não só pelo bem que cantavam, como pelo modo gentil com que se espanejavam nos bebedoiros, e a innocente doidice com que debicavam nas borlas de lã vermelha, que oscillavam nas abobadas dos seus eridntes carceres.

Maria da Ascenção, antecipando-se aos esforços das sociedades abolicionistas da escravatura, comprára os dois animaesinhos quando elles ainda trabalhavam para viver, abrindo com os bicos as tampas dos comedoiros, e tirando agua a dedal dos fundos poços de uns copos de vidro, em miniatura. As galés, em proporções adquadas ás forças dos dois pobresinhos forçados! A primeira idéa da dona foi dar-lhes de todo a liberdade, e deixal-os voar por esses mundos de Christo, mas... teve medo que elles se fossem perder nas florestas virgens de alguma amendoeira em flôr, ou despenharem-se das cataratas de algum riacho, como aquelle pobre rouxinol de que falla o Bernardim Ribeiro, que tão docemente se deixou morrer. Para lhes poupar trabalhos, resolveu Maria da Ascenção mudal-os simplesmente de gaiola, e tão acertada andou nos seus planos, que os dois pintasilgos eram aquillo que se via, dois alegres annunciadores da alvorada, dois melancolicos cantores da despedida do dia.

A visinhança agradecida, puzera á dona a alcunha da «Menina dos pintasilgos».

Esta digressão interrompeu o fio da nossa narrativa. Vamos retomal-o.

Annos atraz, moravam para os lados do Campo de Santa Clara, duas senhoras já edosas, sempre embiucadas n'umas especies de mantilhas negras, muito tementes a Deus, dizia-se; muito esmoleres, sabia-se, porque a esmola é chocalheira, e denuncia sempre a mão que a dá, embora ás occultas. Eram conhecidas no bairro pelas Pimenteis, mas estava tambem averiguado que a mais velha se chamava D. Brites, e a outra D. Mafalda. Quem sabia alguma coisa de linhagens, e n'este caso estava um egresso que jogava o gamão na botica, logo aprumando aquellas duas esgalhas caducas, as conchegava ao primitivo tronco da arvore, que já florescia pelos annos de mil cento e tantos, quasi coeva do milagre de Ourique.

Depois, descendo por ahi abaixo atravez dos seculos, vieram os Pimenteis d'escantilhão decepando mouros, queimando judeus, fundando albergarias, até por ultimo, já fartos de façanhas, morreram todos os machos de tão nobre estirpe, e ficarem sós, a represental-os, as duas manas, a Urraca e a outra, sempre debaixo de telhas reaes, como açafatas da Senhora D. Carlota Joaquina, de enviusada memoria. O que as duas virgens, assim as devemos considerar, viram passar nos paços da Bemposta e nos de Queluz, nem ellas o disseram nunca, nem que o dissessem eram cousas que se escrevessem. O Senhor D. João VI que na vida publica era um *tanto se me dá, como se me deu*, na vida particular teve tambem seus tropeções amorosos, como qualquer simples mortal, e por isso não serei eu quem jure que as duas açafatas tivessem sido sempre mulheres de contas á cinta, e de Relicario Angelico, aberto ás cabeceiras das camas, como nos ultimos dias da vida de ambas ellas.

O que sabemos, isso apurou-se, é que as duas açafatas pendiam para o antigo regimen, que usavam caracoes, faziam mesuras, e tinham o desconchavo, logo ambas! de acharem o Sr. D. João VI, senão bonito, pelo menos um homem desempenado! Valha-as Deus!

O director espiritual das duas fidalgas, e que tambem lhes tratava dos negocios mundanos, era Frei Roque, que fôra frade do Varatôjo, homem lido em theologia, composto de maneiras, e tão desempoeirado, que comia carne ás sextas-feiras, e se calava muito bem calado com o peccado, para não dar maus exemplos, dizia elle.

Lá de tempos a tempos prégava, e tinha ouvintes. Pertencia á escola declamatoria de Frei Antonio de Chagas Os seus grandes effeitos rethoricos tirava-os todos das descripções minuciosas do inferno, e das cousas que os diabos faziam a quem lá apanhavam. Uma torradeira, com episodios de espetos e tenazes!

Fôra Frei Roque quem um dia fallara ás açafatas na viuva de um homem comprador da antiga casa real, e que morrera deixando-a ao desamparo, e mais uma filha, que tinha então os seus dez annos, bonita como as cousas bonitas.

— «Que venham, disseram as fidalgas. N'estes casarões ha logar para uma communidade, quanto mais para duas pessoas.

— «E de mais, accrescentou D. Mafalda, eu tinha promettido á Senhora da Annunciada educar uma orphã, se a mana escapasse do fluxo catharral que teve o inverno passado, e agora vejo que é Deus quem nos manda esta. Traga-a Frei Roque, e que venha quanto antes.

Ao outro dia dava entrada no palacete das Pimenteis a Anna de Jesus, e a filhinha, que já dizia em creança o que havia de vir a ser em mulher. A principio as açafatas espantavam a pequena, que chorava quando as via ambas de oculos verdes, e sempre a mascarem alcaçus, mas foi-se ageitando com ellas, até tomar a liberdade de chamar tia á D. Brites, e madrinha á D. Malfada, que a enlabusava com beijos, e ás vezes entonteava com bichancros que lhe fazia.

A Anna de Jesus era uma mulher trabalhadeira, com geito para todos os arranjos de casa, e com uma tineta especial para compotas. Um achado para as duas velhas, que só merendavam doce com pão, e que morriam por quartos de marmello, e compota de ginja, por um acerto os dois doces em que a Anna de Jesus melhor sabia combinar o ponto do assucar sem prejuiso do sabor da fructa.

A Anna de Jesus fôra um anjo que baixára do ceo para dulcificar as gargantas pigarrosas das duas fidalgas. Além d'estas prendas, a Anna de Jesus era mulher amiga de fazer vontades, e uma das açafatas, a D. Brites, tinha a mania de classificar e apurar ervas medicinaes, manha que apanhara de um physico-mór que mésinhava, e sangrava o Sr. D. João VI, quando elle tinha medo da constituição. Era no desvão de uma escada do palacio, que a fidalga tinha a sua locanda de remedios caseiros, aonde se viam pacientemente atados, e etiquetados, pequenos molhos de malvas, de alteia, de erva cidreira, e de alfavaca de cobra; e em prateleiras, com os frascos cuidadosamente numerados e hermeticamente fechados, cabeças de dormideiras, e raizes de meimendro, de camaradagem com a popular linhaça, e a prestadia mostarda em pó.

A's vezes D. Brites, desabafando com a Anna de Jesus, alcunhava de charlatão o Rigolot, que inventára os sinapismos de seu nome, e não queria convencer-se que o chloroformio prestasse para tudo que lhe diziam, e era então que contava curas milagrosas do meimendro, especialmente para dôres de ouvidos. Uma cegueira!

Assim passaram sete annos, na grande monotonia de uma grande paz de espirito, sabendo as fidalgas que o tempo passava, por que o dizia a folhinha, e que o sr. D. Miguel ainda não voltára aos seus reinos, por que viam a bandeira azul e branca fluctuar galhofeira no castello de S. Jorge.

Um dia, porém, ao voltar da missa, a D. Brites queixou-se de frio. Deram-lhe um caldo, e ficou na mesma. Vieram as flanellas, os brazeiros, as esfregações na espinha com alcool camphorado, e nada de novo. Veio depois o medico, olhou-lhe para a bocca, e disse á irmã, lá conforme poude: «Mande-a sacramentar:» O medico a virar costas, e ella a dispensar o conselho. Estava na paz do Senhor! A D. Mafalda, que era mais velha dois annos que a irmã, disse logo á familia: «Agora vou-me eu atraz d'ella.»

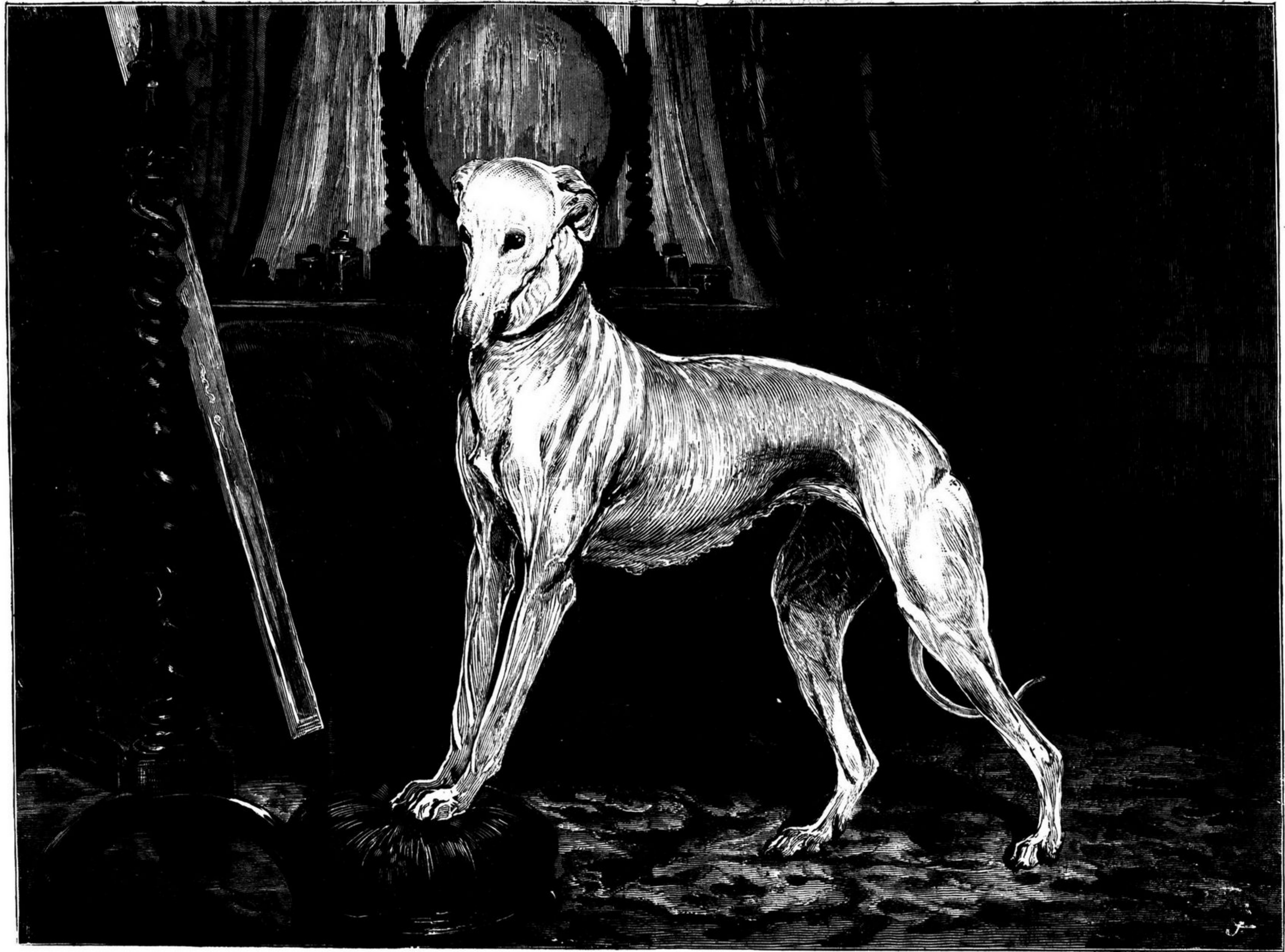
—«Que não ia, que era d'outra fibra; que a defunta se desmandava com a comida... e por fim, que Deus Nosso Senhor era quem mandava, e que tivesse conformidade com os seus divinos decretos.»

Bonitas palavras eram!

No inverno seguinte era chamado Frei Roque a toda a pressa. Largou a «Floresta» do padre Bernardes que estava a lêr, e veio. Ouviu D. Mafalda de confissão, e recebeu d'ella um papel. Era o testamento. A Anna de Jesus e a filha eram contempladas com honestas mesadas, afóra alguns moveis de solida construcção, entrando no numero um oratorio de pau santo, com imagens muito devotas dos santos de maior pôlpa; e um presepio, todo elle obra de talha, com uns pastores tão ao natural, e um boi tão pacifico, que era como se estivesse no estabulo a repousar. Parecia vivo o animal, e os tres Reis Magos tambem. Era obra aceada o presepio, e o primeiro feito em Portugal, depois de um outro inventado no ultimo quartel do seculo XVI, por uma freira do mosteiro do Salvador de Lisboa.

Foi pela morte da ultima das duas açafatas, que a Anna de Jesus, e filha, vieram morar para o largo da Paschoa. A casa tinha seis pequenas divisões, e não mais. A' frente uma salasinha, e um quarto da costura, onde estava tambem o oratorio; e uma outra casa em que a Anna de Jesus estabelecera venda de ervas medicinaes, para o não chega dizia, por que para negocio morreria de fome.

Mulher de boa consciencia, vendia só as ervas que lhe pediam pelos seus nomes, sem querer saber para que usos. Se instavam com ella para applicar o medicamento á doença, respondia que nunca fôra a Coimbra, que não era doutora, nem queria ser curandeira, e d'ahi não a tiravam. Isto para as creaturas com alma, por que para os animaes era outra coisa.

Em vendo cão pelintra, hirsurto, lazarento, chamava-o, e lá iam tantos banhos de malvas, quantos os precisos para o pôr são e escorreito a ladrar á lua. Gato troteado pelo rapasio, que vinha escalavrado estiraçar-se-lhe á porta, não voltava a andar á gandaia sem lhe sair das mãos limpo da carépa.

VAIDADE

Era uma socia anonyma da sociedade protectora dos animaes, tirante a honra de lhe conhecer os estatutos.

O viver da mãe e da filha era exemplar. Saíam pouco, e com regularidade apenas tres vezes por anno, uma na quinta feira santa a visitar as egrejas, outra na quinta feira da Ascenção, ás espigas, a terceira no dia de S. Antonio, á praça da Figueira; a mãe a comprar maçarocas d'alfazema, e vasinhos de mangerico, a filha a deixar-se tentar pelas alcachofras, as grandes embusteiras, como ella mais tarde conheceu á sua custa.

Maria da Ascenção era uma rapariga esbelta, triste, dada a deixar-se ir atraz da imaginação, mas voltando logo sobre si, se via perigo de sair da pista. Tinha os olhos negros, rasgados, humidos, contemplativos. A bocca não era pequena, mas que importava isso, se os dentes eram perolas? As tranças dos cabellos nem eu quero dizer como eram, para que me não chamem mentiroso, nem insistir em acabar o retrato, não me alcunhem por ahi de romantico, os naturalistas que pintam mulheres á brocha, trocando as meias tintas dos pintores pelo carregado a almagre dos borradores de taboletas.

A sensibilidade de Maria da Ascenção tocava as raias do estherismo. O velho capitão de navios emprestava-lhe livros, que ella devorava, nos intervallos que lhe ficavam livres de bordar a branco para as lojas. Um dia a mãe veiu encontral-a banhada em lagrimas e disse-lhe:

—«Isto assim não presta. Que estás tu ahi a lêr, que tanto te entra pelo coração dentro?

A filha fechou o livro, e mostrou á mãe o rotulo. Era o «Eusebio Macario» de Camillo Castello Branco.

—«Oiço dizer que esse livro faz rir toda a gente, e então a ti faz te chorar, filha? Tomas tudo a serio... Valha-te Deus!

—«Pois eu não hei de chorar com isto? Está aqui a historia de um padre que brigou com um lobo, alta noite, e n'um descampado, que é da gente tremer de medo, com dó do pobre homem!»

—«Ora adeus! O padre era um bandalho, e se o lobo désse conta d'elle, pouco ou nada se perdia.»

E a outra a dizer que não, que se o padre era mau, peior para elle, que lá estava Deus para lhe pedir contas, e não as feras. E não tornava a abrir o livro em todo o dia, e ficava a tremer, como avesinha que creança sem tino aperta entre as mãos sem saber o mal que faz.

A's tardinhas Maria da Ascenção ia tomar o fresco para a janella. Os pintasilgos, que já a conheciam, dobravam a cantiga, e era então um ceu aberto ouvil-os como que ao desafio. Por defronte da casa começou então a passar, montado n'um cavallo vivo e alindado, um rapaz que mostrava saber de cavallarias, tão airoso se equilibrava na sela.

A principio, Maria da Ascenção baixava os olhos, ou disfarçava com os pintasilgos, para não dar a entender que era por causa d'ella que o rapaz fazia por ali caminho todas as tardes. Assim andavam as coisas, sem passarem a mais, mas tambem sem esfriarem, porque o cavalleiro era de uma teimosia que se não deixava vencer.

Dois ou tres mezes passados, se tanto, bateram uma manhã á porta. Era o capitão de navios, que vinha fumando no seu cachimbo, e que não apagou, em risco de estontear as inquilinas que não estavam avesadas ao tabaco.

—«Não quiz sahir sem lhe bater no ferrôlho. Onde está a pequena, que lhe quero dar duas palavras?»

—«O Ascenção! Anda cá, que te chama o nosso visinho.

—«É que não chamo tal, que eu tenho pernas para andar.»

E foi entrando. Maria da Ascenção estava ainda de penteador, e envergonhou-se toda ao vêr entrar o capitão de navios com aquella semcerimonia pela porta dentro.

—«Nada de bisonhices, disse. Cada um está como quer em sua casa. Vamos nós ao que aqui me traz. Eu vejo passar todas as tardes por ahi um boneco, que desde a primeira vez que o vi me deu vontade de o obrigar a mudar de picadeiro...

Maria da Ascenção fez-se vermelha como uma romã, e começou a brincar com a ponta do penteador, mordendo os beiços para não desatar em chôro...

—«O que vou dizer-lhe não vale duas pitadas de rapé. Eu sou seu amigo, e não gosto de chalaças com as pessoas a quem estimo. É isto, e mais nada.»

—«Sim, mas eu...

—«Não se desculpe, qae não tem de que se desculpar. Esse melro que para ahi passa, é um maganão de mão cheia. E eu que o digo, é por que o sei.

—«Talvez...»

—«Aqui não ha talvez. Ali aonde o vê, bebe qae nem uma esponja, por todas essas tascas, e é dos taes que deixa os decilitros marcados a giz atraz da porta. E digo-lhe mais que joga como um arreeiro, e anda pelos bailaricos com um mulherio que faz nôjo.

—«Credo! Pois o visinho sabe isso tudo?

—«E não ponho mais na carta, porque não é preciso para ficar sabendo quem é aquella joia.

—«Quem tal havia de dizer! Elle que parecia um rapaz tão commodido!

—«Parecer, não é ser. Mas não se afflija a menina, que eu sou homem do mar, e sei fazer mudar de rumo qualquer chaveco. Hontem procurei-o, disse-lhe cá as minhas coisas, e elle ficou entendendo que devia remar para leste, se não queria naufragar n'uns baixios... que ficam aqui a dois passos da nossa porta.

—«Se é verdade tudo quanto me disse, só tenho a agradecer-lhe...

—«Se é verdade! Não, que eu sou algum pacovio! Agora tenha-me juizo, e o que lá vae, lá vae.

E pondo o chapeo na cabeça, saiu pela porta fóra a cantarolar um tango, sem se despedir da Anna de Jesus, que se quedou espantada do que ella suppoz ser simples brutalidade do visinho

Maria da Ascenção ficou desde logo para não viver. Não se idealisa assim um futuro para o ver desabar de repente a camartello de phrases desabridas, aridas, sem rodeios. O seu primeiro impulso foi ir-se direita ao oratorio, e ajoelhar. Pareceram-lhe impassiveis, e até sarcasticas as estatuetas dos santos. Ergueu-se.

Quiz ir desabafar com os seus pintasilgos, mas achou-os mudos, não porque os animaesinhos a desconhecessem, mas por que era a hora do calor, em que as aves aguardam que venham as brisas da tarde convidal-as para as grandes expansões da alegria.

Sem protecção do céo, nem da terra, a pobre rapariga entregou-se á mercê dos seus intimos pensamentos. No confuso tropel das idéas que a assaltavam, chegou a ter saudades das duas açafatas, do barrigudo Frei Roque, das interminaveis tardes do verão, em que os pardaes, de bicos abertos, arquejavam poisados nas ramadas rachiticas das arvores empoeiradas do campo de Santa Clara!

Quando uma alma chega assim a enluctar-se, e os olhos a arredarem-se do arco-iris da esperança, mal vae a creatura, que a pique vê ir a barca da vida.

Foi o que succedeu a Maria da Ascenção, a credula visionaria do bem! Quinze dias depois do dialogo que tivera com o capitão de navios, parecia que dez annos tinham passado sobre ella. Aquelles olhos, que eram como dois lampadarios, estavam sem brilho. O marfim das faces, assombrado pelas compridas pestanas, punha-lhe no conjuncto do rosto uns toques de profunda resignação, que a aparentavam com as virgens das telas dos grandes pintores. As mãos patricias, alvas, de dedos afilados, e unhas rosadas, agora, com a transparencia da pelle, deixavam ver as mais tenues veias, depauperadas de sangue. A cabeça inclinava-se-lhe ligeiramente no collo, que dias antes lh'a aprumava orgulhosa, como procurando descançar do turbilhão das idéas que lh'a esvaiam.

O seu pisar gentil, tornara-se moroso, arrastado. Como resumo fatal de tão ruins symptomas, uma tosse secca, impertinente, traiçoeira, não a deixava de dia, nem de noite. Era o abutre da pthysica que andava a pairar-lhe em roda, espreitando a occasião de a empolgar.

A mãe olhava para ella, e punha-se a chorar, sem dizer palavra. A filha sorria, uns d'estes sorrisos tristes que dizem morte, e abraçava-a.

O velho capitão de navios andava apalermado. «Quem me mandou a mim metter no que não era commigo?

«—Raios me partam se eu não dava esses poucos annos em que ainda hei-de andar aos tranbolhões cá por este mundo para salvar a rapariga.»

—«O' homem não blasphemes, que Deus pode castigar-te.»

—«Qual historia! Mas o diabo do rapaz era mesmo um valdevinos! Ella se casa vinha a levar vida negra... E depois, se foi asneira, não tenho culpa d'isso. A gente não faz só coisas ajuizadas cá n'este mundo. Era bem bom.

A doença foi por deante. Na primavera seguinte, quando a natureza se vestia de galas, as arvores floriam, e as andorinhas chegavam aos bandos, Maria da Ascenção já não tinha forças para nada! Levavam-n'a amparada até á janella, e alli a deixavam a ouvir os seus pintasilgos, que em namorados requebros forcejavam chamal-a á vida. Não ha mais commovedor *de profundis* do que o cantado pelas aves, aos que sabem que vão morrer.

Gosto amargo de infelizes, chamou um poeta á saudade. O que chamaria elle a esse apego á terra, dos que não ignoram que em breve a vão deixar para sempre?

Era ao cair de uma tarde de maio. O capitão de navios entrava em casa de Anna de Jesus. Vinha vestido de preto, e trazia na mão uma pequena chave, presa a uma fita de crepe tambem negro. Poz a chave em cima de uma mesa, e disse á visinha:

—«Está tudo acabado!... eu lá a deixei com os anjos! O que lhe digo é que está melhor do que nós!»

E mais nada. A mãe cahiu redonda no chão!... Tinham-lhe faltado as lagrimas, que ajudam a levar as grandes dôres, e as grandes alegrias tambem.

Uma coincidencia.

Lá vae thema para os livres pensadores rirem da minha observação, e mandarem os garôtos fazer-me assuada á porta.

No dia seguinte ao do enterro de Maria da Ascenção, appareceram mortos nas gaiolas os dois pintasilgos! Isso foi gato, dirão suas senhorias.

Eu não sei o que foi, senão dizia-o. O que sei é que morreram ambos, e parece-me... não me parece nada, para não melindrar com as minhas opiniões os descendentes da nobre raça dos Chimpanzés!

L. A. PALMEIRIM.

A VOLTA DE CAMÕES

(DE UM POEMETO PRESTES A APPARACER)

Avistava-se a terra, anciosamente
Sonhada no mar largo e no vigôr
Do fulvo exilio marcial do Oriente,
Entre longos prodigios de valôr.

Avistava-se a terra, e vagamente
Ouviu-se como um frémito de amôr...
A marinhagem sóbe aos mastros, — sente
Chegado o fim da inenarravel dôr.

Mas n'esse instante — ó magua indefinivel!
Ouve-se um grito intimo, terrivel,
E Heitor caia morto, em convulsões..

Morto! na flôr das illusões mais bellas!
— E as lagrimas rolavam, como estrellas,
Nas faces enrugadas de Camões...

Agosto, 85. JOAQUIM DE ARAUJO.

AS NOSSAS GRAVURAS

A VILLA E O CASTELLO DA LOUZÃ

Examinem os archivos, revolvam o pó dos seculos, interroguem os vestigios mais ou menos sumidos, deixados pelas gerações passadas atravez dos tempos, e atarão o fio genealogico de todas as povoações, que uma não ha no nosso abençoado paiz que não tenha a sua genealogia e as suas tradições.

São como que as estrellas de uma constellação, estas povoaçõesinhas ;perscrutem, e saberão quando ellas começaram a raiar n'este esplendido horisonte.

Diz-nos um foral d'el-rei D. Manuel que a terra que hoje se chama villa da Louzã fôra dada ao concelho de *Arouce*, e depois se chamou *Foz de Arouce*, e por ultimo Lousan ou Louzã.

Esta villa está a 20 kilometros de Coimbra, districto a que pertence. Comprehende 5 freguezias e 12:000 habitantes. E' comarca.

Estende-se em um valle de indescriptivel belleza. Quem ainda a não vio, ajuize das suas magnificencias naturaes pelo que representa a nossa gravura.

Entre os seus edificios, monumentos e construcções mais notaveis distingue-se o castello, a egreja matriz, o pelourinho, as capellinhas, as fabricas de papel, o palacio da sr.ª viscondessa do Espinhal, e o do sr. commendador Monte-Negro, o hospital e a bibliotheca popular, por este sr. fundada.

O castello, cuja fundação data dos Sarracenos, está em ruinas, mas parece que a sua importancia militar foi grande em tempos remotos.

O *penhasco das ermidas* é muito notavel, se attendermos á singela poesia que encerra para os corações do povo, que em differentes romarias ali vae expandir-se em praticas piedosas. As tres capellinhas que se desdobram n aquella encosta são a de S. João, a do Senhor da Agonia e a da Senhora da Piedade.

EM CASA DA AMA

E' um quadro que é um romance realista, — trivial e pungente.

Fervilham por ahi, na nossa sociedade e em todas as sociedades, milhares de romances identicos.

Engendra-os a leviandade, ás vezes chamada amor; enreda-os essa cousa monstruosa que se chama *casamento*, ou esse obstaculo temivel que se chama *conveniencias sociaes*; desenlaça-os o escandalo, sanctifica-os, purifica-os, redime-os a unica cousa santa, grande e sublime que ha n'este mundo mesquinho e egoista: — o amor de mãe.

E é sempre assim.

Esses romances começam-se, continuam-se, acabam-se, com uma monotonia, com uma similhança inevitavel, implacavel, fatal.

Lêr um, é lêr todos.

E'-se nova, tem-se a completa despreoccupação dos perigos da vida, a ignorancia das conveniencias mundanas, a inconsciencia dos deveres individuaes.

O espirito está limpido como um céu de abril—quando digo céu de abril, a minha rhetorica refere-se ás folhinhas antigas— o coração trasborda de seiva.

Não se sabe o que é odio, não se sabe o que é hypocrisia, não se sabe o que é especulação, não se sabe o que é peccado.

Sabe-se só o que é amor.

E nem isso se sabe: sente-se.

Ama-se inconscientemente sem se saber o que se faz, sem se saber porque, sem se saber para que.

Mas o amor é um perfido conhecimento.

Apparece risonho como uma alvorada de maio, mas como os dias falsos d'esse mez traiçoeiro, traz escondido atraz da sua mascara de luz, as trevas da tempestade, as furias do vendaval.

E as creanças, crédulas, desprevenidas, innocentes, enganam-se, deixam-se illudir alegres e despreoccupadas.

Imaginam que são tudo rosas nos jardins, maravilhas do dourado paiz do amor.

Deixam-se ir, risonhas e felizes; depois, quando já é tarde, quando já não podem voltar atraz, é que encontram os espinhos ás rosas, e as lagrimas ardentes que se escondiam sob os sorrisos fascinadores.

E' a historia constante, eterna, de todos esses amores que se geram na sombra, que crescem ás occultas, que não veem legalisar-se, sanctificar-se á grande luz da religião e da lei.

Teem ao principio todo o encanto do mysterio é verdade, mas teem depois todas as angustias da reparação, todas as vergonhas do clandestino.

Ao passo que os esposos caminham de mãos dadas, no mundo, cercados de respeitos e de sympathias, elles, os amantes, muito mais romanticos, mas muito menos felizes, teem de trocar apertos de mão furtivos nas encruzilhadas, ás escondidas, com medo dos olhares das pessoas de bem.

E quando a sorte dá á mulher o goso supremo, e a suprema honra, a gloria de ser mãe, então é que a maternidade, que é uma aureola de luz na fronte da esposa legitima, passa a ser uma corôa de espinhos na fronte da mãe solteira.

O que é para aquella uma alegria dulcissima, é para esta uma amargura eterna; o que é para aquella um titulo respeitavel, é para esta uma vergonha infamante.

E vergonha deante de todos, vergonha até deante de seu filho.

Emquanto as mães legitimas se miram todo o dia nos olhos claros que se abrem para a vida, e vêem sorrir-lhes aquella boquinha pequenina que se está ensaiando para lhe dizer o nome, as outras mães vivem longe da carne da sua carne, da vida da sua vida, e emquanto andam no mundo com a mascara da tranquillidade, sorrindo a todos com vontade de chorar, correndo os theatros e os bailes, o seu filho, aquella pequenina creatura que lhe occupa todo o cerebro, que lhe povoa todo o espirito, está sorrindo a caras estranhas, está sendo embalado por mãos mercenarias, está aprendendo a conhecer e a amar uma mulher que não é sua mãe.

O quadro que ahi está mostra-nos esta scena pungente

A mãe, com todas as pompas da elegancia, com o luxo caro de uma rica fidalga, ajoelha n'essa casa pobre, ao pé de uma canastra esburacada, que serve de berço; aquelle que ella tem no collo, que teve nas entranhas, teria um berço de principe, se tivesse um nome de pae.

Ella é rica, mas deploremol-a; tem todas as sumptuosidades do luxo, mas tem o luto no coração, tem collares preciosos, mas não tem o collar mais querido ás mães, os dois bracinhos tenros e amorosos de seu filho.

E a riqueza n'essa casa pobre faz um triste papel.

A riqueza entra ás escondidas; o creado velho, o confidente, paga á ama a amamentação, mas pede-lhe segredo; e ao passo que a mãe rica entra como uma criminosa, para poder beijar durante minutos seu filho, a mãe pobre vive rodeada dos seus filhos robustos e alegres, que brincam, crescem e engordam sob o olhar doce, terno e vigilante da velha avó.

O quadro é uma lição que mostra que todos os atalhos que se afastam da estrada direita, do dever, da honra e da honestidade, vão dar ao paiz desgraçado das lagrimas, do remorso e da vergonha.

VAIDADE

O artista diz que o sentimento que levou aquelle galgo a mirar-se tanto no espelho é o da vaidade. Estará elle bem certo d'isso? Nem todas as pessoas que examinam a sua imagem no espelho o fazem por vaidade. E' um facto commum a homens e mulheres. Muito longe de pensarem que parecem bem, pelo contrario muitas vezes põem-se deante do espelho para ficarem seguros de que não estão como queriam. Um homem qualquer, por exemplo, póde inquietar-se por não saber se o laço da gravata está no sitio em que deve estar ou se o collarinho está bem posto. O pobre animal, tambem, como o collarinho é o seu unico ornamento, quer vêr se elle está no seu logar. Vaidade não é, isso não, peço-lhes que o não creiam.

EM AJUSTE

Trata-se d'um bom negocio:—a venda d'um ninho de melros, encontrado no alto da azinheira da horta.

O filho do barbeiro da aldeia, rapazola endinheirado, offere-

ce, pela ninhada, um pataco e o barrete carregadinho d'uva moscatel. Uma verdadeira tentação!

O possuidor d'aquella prenda, porém, reunido em syndicato com os dois irmãositos, explora a negociata, e não está resolvido a ceder por tão pouco o seu precioso achado.

Dá esperanças o garoto!

MOINHOS

Os moinhos são antiquissimos na Asia e no Egypto. Falla-se d'elles no livro de Job.

Fôram primeiro movidos pela mão do homem, e depois pela força dos animaes domesticos.

EM AJUSTE

Os moinhos movidos por corrente de agua eram conhecidos no tempo de Augusto.

Em 540, Belisario, sitiado em Roma pelos Vandalos que haviam desviado as correntes empregadas no movimento dos moinhos da cidade, fel-os transportar para o Tibre e introduziu por esse modo o uso dos moinhos de bote.

Os moinhos de vento são conhecidas na Normandia desde o anno de 1105 e na Inglaterra desde 1299.

GUERRA JUNQUEIRO

Guerra Junqueiro mandou-me o seu poema. Depositado pelo carteiro na barafunda do correio de uma redacção, esse poema ainda até hoje me não poude chegar ás mãos; está em qualquer parte, longe da minha avidez; mas ouço-o sempre,—

sempre que penso n'elle,—cantar os seus versos no meu craneo, pela voz do poeta que m'os recitou todos, coisa de dois mezes antes de publicados.

E ha n'essa evocação do meu espirito, vaga, mal definida, uma doçura penetrante, como n'uma vibração musical que a aragem traz, como n'um echo esbatido de aria longiqua, como n'um resto de aroma em velha carta de amores. Não póde acudir-me assim a tentação de criticar esse livro, friamente; idealisado pela recordação e pela saudade, elle voeja placidamente acima das especulações de gabinete, incorporeo como um som ou como um sabor, e deixa-me a plena liberdade de o amar a olhos fechados, na *rêverie* do artista perante a obra de arte.

*
* *

Ha dois mezes, de visita no Porto, procurei Guerra Junqueiro no *Hôtel de Paris*. Era uma tarde canicular, em que as proprias pedras da calçada despediam fogo.

—«O sr doutor sahiu,—disse-me o guarda-portão.»—

Diacho! e eu, que tencionava partir n'esse dia para Lisboa, teria de ficar ainda no Porto... Estendi o meu cartão, vincado, ao guarda-portão, e saltei para o *trottoir*, emquanto que o guarda-portão, subitamente immobilisado fóra da porta, com a mão em pala na testa, olhava para a emboccadura da rua atravez da soalheira.

—«Ahi vem o sr. doutor,—disse-me elle ao cabo de um momento.»—

O sr. doutor, era Guerra Junqueiro, magro, agil, veloz, que um minuto depois entrava a porta do hotel. O guarda-portão adeantara-se a dar-lhe o meu cartão, em que elle rapidamente leu o nome. Senti-o contrafeito, e tive vontade de me ir embora; mas em additamento ao cartão, approximei-me e disse:

—«Sou eu...»—

Guerra Junqueiro teve uma exclamação alegre:

—«Ah! é que vinha justamente de o procurar no seu hotel, Já pensava que não chegariamos a encontrar-nos.»—

Apertámo-nos as mãos, com uma effusão de amigos que passaram largos annos sem se verem. Ali estava emfim o meu querido e grande poeta:—com o mesmo ar de outr'ora, o mesmo olhar agudo na sua face em cutello, o mesmo nariz audaciosamente aquilino, o mesmo bigode pequeno sobre os labios finos e zombeteiros; e sobre tudo isso, gingando um pouco o andar, mas reflectindo uma alegria saudavel que não era a mesma de outros tempos, um pouco azeda e dyspeptica. Subimos ao seu quarto, sentámo-nos defronte um do outro, e fallámos,—quero dizer,—elle fallou. Acudiu-me aquelle verso da *Morte de D. João*:

> Tracta-me da saude, que é o que mais convém.
> Cria-me pança e coiros oleosos.
> Toma ferruginosos,
> Que hão-de fazer-te bem!

E foi da saude que tratámos. Durante uma hora, Guerra Junqueiro contou-me a sua dyspepsia; e, com a devoção de um crente na agua de Lourdes, disse-me maravilhas das aguas de Brabães, que o tinham salvo:

—«Oh, as aguas de Brabães! hei-de mandar-lh'as, e verá que se cura tambem.»—

Esbocei um gesto simultaneamente sceptico e recusador.

—«Hei-de mandar-lh'as,—insistiu elle. E' para mim um caso de consciencia; faço empenho em o salvar da sua dyspepsia, como eu me salvei da minha...»—

Recommendou-me fraternalmente um serio regimen alimentar; entrou em considerações profundas sobre alimentos azotados e alimentos respiratorios, sobre as suas funcções no tubo digestivo; foi prodigo em luxo de detalhes quanto á manipulações de cosinha, especialmente a respeito de aves, que nunca deviam deixar de ser *faisandées*. Eu ouvia-o, interrompendo o apenas de tempos a tempos com uma palavra desanimada,—de quem já se não fia n'um futuro risonho para o seu estomago; e quando o vi triumphante das suas doutrinas em materia de dyspepsia, tendo feito a apotheose das aguas de Brabães, perguntei-lhe:

—«O seu poema?»—

Levantou-se:

—«Vou lêr-lhe o prologo.»—

Leu, enquanto que eu escutava, cerrando um pouco os olhos. Quando acabou de lêr, faltou-me completamente a palavra para a banalidade de um cumprimento. Nem de resto a procurei. Creio que disse, como uma creança a quem acabam de servir alguma coisa doce:

—«Mais! ..»—

Elle continuou; ora lendo, ora recitando, trecho a trecho, durante não sei quanto tempo, desdobrou aos meus ouvidos encantados todo o seu poema, bronzeo a espaços como uma estatua ou como uma epopeia, umas vezes sarcastico como a propria alma de Juvenal no proprio espirito de Voltaire, outras vezes melodico como um canto de harpa, outras, emfim, terno e commovido, penetrado da maxima delicadeza que pode sentir coração humano. Chegou ao fim; era esse soneto magistral, em *post scriptum*, que eu ouço sempre na voz do poeta pedir para lhe arrancarem o coração e lançarem-no á valla commum...

> Como um tambor que entre a metralha
> Estoira ao fim d'uma batalha,
> Rouco, furioso, ancioso, ardente!

Nunca a minha alma de artista sentira assim um impeto de enthusiasmo. Mas em mim, o enthusiasmo é exteriormente frio, intuspectivo, como a crise amorosa da carne n'uma bella mulher loira. A sensação que me restava d'aquella leitura e d'aquella recitação, era sobretudo um atordoamento que me não deixara fixar bellezas de fórma, nem distinguir defeitos de critica. O poema todo, fundido n'um raio só de luz,—como n'um disco girante se fundem as sete côres do espectro em branco,—cantava no meu cerebro a sua canção de oiro, deliciosamente vaga e abstracta, e ainda hoje a sua fina resonancia é viva na minha saudade d'essa tarde unica, em que o sol declinava sobre o horisonte ensanguentado como uma fornalha.

*
* *

Sahimos juntos, pela fresca, conversando, e regalei-me de perder o comboio Em Guerra Junqueiro, outra vez o poeta deixara o logar ao homem, que do seu espirito voltaireano se fizera uma segunda natureza. E' d'elle este cumulo:

—«O outro dia, na Mealhada, vi-me grego para demonstrar a tres bispos a existencia de Deus!»—

Mas se valesse a pena emendar o rancor dos estupidos ou desenganar as almas timidas perante o escrupulo religioso, eu explicaria longamente como é que esse impio, todo vibrante em sarcasmos peçonhentos, é simplesmente o artista na gestação sagrada da sua obra, o critico encarniçado contra symbolismos grosseiros de principios barbaros, e o crente, emfim, o crente enternecido que ajoelha em face do eternamente bello e do eternamente justo.

Preciso, de resto, proclamar ao universo que Guerra Junqueiro nunca me mandou as taes aguas de Brabães. Não me corrompeu, portanto.

*
* *

Ha uns poucos de annos que elle vive em Vianna do Castello, remoendo a sua aversão a Lisboa,—uma cidade requentada, como elle lhe chama. Apenas frequentes vezes vae ao Porto, por um dia ou dois, e foge logo para junto das suas duas filhas, que lhe dão a saude suprema da alma. Guerra Junqueiro educa-as com toda a delicadeza de um poeta e toda a ternura de um pae.

Ramalho Ortigão contou-me que as viu o anno passado, visitando o poeta em Vianna do Castello.—«*Dois amores*,—disse-me elle, encantado»—

Uma vez, que Junqueiro sahira, Ramalho ficou brincando com ellas. Jogaram as escondidas e a cabra-cega. Ao cabo de meia hora, tinham esgotado tudo quanto ha de bom em creancices,—que é ainda assim o que ha de melhor e de mais sensato na vida,—e o illustre critico envergonhava-se de não descobrir qualquer outra coisa, que o conservasse no elevado conceito das duas pequerruchinhas. Mas de repente, divisou sobre uma meza uma *boîte à surprise*; seria a salvação, esse brinquedo tão vulgar e sempre tão novo. Correu a lançar mão d'elle. Ao voltar-se, com a *boîte à surprise* sobraçada, as suas duas amiguinhas estavam pallidas, contrafeitas, e soltaram um grito de terror quando o diabo vermelho e perudo saltou de dentro da caixa.

Então, Ramalho dispendeu thesouros de engenho em explicar ás creanças a geringonça d'aquella divindade malfazeja. Foi o livre pensador d'aquelle dogma de molas. Mostrou-lhes esse diabo como um simples paspalhão que era, armado em arames enroscados, á maneira dos *fauteuils*. As creanças, que pouco a pouco se tinham tranquillisado, soltaram no fim as suas mais sonoras gargalhadas; estava completamente morto n'ellas o principio do medo a que os nossos paes chamavam salutar.

N'isto, entrou Junqueiro, e as filhas correram a saltar-lhe ao pescoço, com uma alegria doida, agitando pela cabeça o diabo vermelho da *boîte à surprise*. Junqueiro cahia litteralmente das nuvens:

—«Oh! que significa isto?»—

Ramalho, orgulhoso como quem tem cumprido um dever, explicou-lhe tudo; e no fim, Junqueiro só teve uma palavra para exprimir a sua decepção:

—«Fel-a bonita! estragou-me o meu Padre Eterno!»—

Era com aquillo que Junqueiro, nas occasiões graves, as mantinha em respeito, e as forçava a embeberem-se na cogitação severa do *a b c*; aquella *boîte à surprise*, mysteriosa e pantafaçuda, era o seu fetiche ameaçador, uma especie de Jehovah carrancudo na religião mosaica. Mettia medo com ella ás filhas, como o propheta mettia medo aos hebreus com a apparição truculenta do Sinai.

BELDEMONIO.

APRÉS LA LETTRE.—Acaba emfim de me chegar ás mãos o volume extraviado do poema.

B.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS

EM VERSO

Este animal parasita
Apezar de mui vulgar,
Egualmente pode ser
Um barco para pescar—2.

Se por A o O trocares,
E' na Asia respeitado—3.
Este passaro pequeno
De branco todo pintado.

(A' EX.ma SR.a D. HERCULANA SIMÕES CARVALHO)

Por ser assim não possue } 2.
Todo o seu valor real }
Esta cidade tão velha } 2.
Do nosso bom Portugal }

Circundando a praça toda
Ou as ruinas lhe abrigo,
Ou sirvo para os soldados
Fuzilarem o inimigo.

AUGUSTO CARLOS BAPTISTA.

ENIGMATICA

Florete na primeira indico sempre.
Na segunda saude mostro ter.
Embora muito bello e mui brilhante,
Nem por isso me deixam de comer.

A segunda é que ensinou
A prima co'este appellido;
O todo é pouco educado,
Bruto, grosseiro, atrevido.

AUGUSTO CARLOS BAPTISTA.

NOVISSIMAS

Tem o corpo da minha avó este instrumento—1—2.
No velho e na velha é uma dança—1—1.
Dansa o que não é pobre na festa—2—2.
Esta doente estava muito alegre no hospital—3—2.

SOCIEDADE ONDE A GENTE SE ABORRECE.

Este movimento circular todos nós temos na India—2—1.
Tens tu e todos nós temos este animal—2—2.

ALFREDO GONÇALVES DA CUNHA.

LOGOGRIPHO

(POR LETTRAS)

Este planeta } 1, 2, 3.
E' deslumbrante; }
E este jogo } 3, 2, 4, 5
Muito estopante. }

E' bem ridiculo } 4, 5, 3, 2.
O que esta diz. }
Quem assim canta } 1, 2, 3, 5.
E' mui feliz. }

Queres conceito
Leitor amigo?
'stou já bem livre,
Assim t'o digo.

Evora. A. J. N. SANTOS.

PERGUNTA ENIGMATICA

Qual é a palavra que é appellido e tocha?

A. H. GOMES.

ENIGMA

pokkvzz Euqnaacupqno

SORTE DE CARTAS

Pega-se n'um baralho que tenha 40 cartas e, depois de baralhadas, fazem-se com ellas 3 montes da forma seguinte:

Tira-se a carta que ficou na palma e volta-se para cima, e depois de visto o seu valor volta se para baixo, (collocando-a em cima da meza) e sobre ella põem-se lhe tantas cartas quantas sejam precisas para prefazer o numero 15, contando para este numero com o valor da carta vista, isto é, se a carta que se vio é uma sena, tem, por consequencia, de se pôr sobre ella 9 cartas, se é um rei põem-se-lhe 11, se é uma dama põem-se-lhe 13, se é um az põem-se-lhe 4 (ou 14 se este se contar por um), se é um duque põem-se lhe 13, etc,. etc.

Depois de concluido o primeiro monte, volta-se outra carta e, sobre ella, contando com o seu valor, faz-se o segundo, pela forma por que se fez o primeiro, e para o terceiro egual processo.

Se depois de feitas os tres montes ficam restando algumas cartas, entregam-se á pessoa que se prestou a adivinhar (que até a essa occasião deve estar auzente) para por ellas dizer qual o valor total das tres cartas que fôram vistas e que estão debaixo dos tres montes.

Pode, porém, succeder que as tres cartas que se tiraram, para servirem de base aos respectivos montes, sejam de pequeno valor, e que, por tal circumstancia, se empregue todo o baralho na formação dos mesmos, ou que este não chegue para concluir o terceiro monte; deve, n'estes casos, dizer-se á pessoa que tem de adivinhar, que não restou carta alguma ou que faltaram tantas para a conclusão dos montes.

Qual o meio infalivel e invariavel para adivinhar esta sorte?

Evora. A. J. N. SANTOS.

PROBLEMA

Em que algarismo termina o numero 7148^{287}.

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS: — Cruciofera — Pechincha — Benavente — Midosi — Caparica — Macario — Requinta — Salmão — Pedante — Lula — Typhomania.

DO LOGOGRIPHO: — Mascara.

DO ENIGMA: — Avidez.

DO PROBLEMA: — Não se altera o resto da divisão procurado, substituindo o numero 4362 pelo resto da sua divisão por 11, isto é, pelo numero 6; basta pois considerar 6^{3275}. Multiplicando 6 successivamente por si mesmo, e dividindo os productos obtidos por 11, acham-se os 10 restos differentes 6, 3, 7, 9, 10, 5, 8, 4, 2, 1; e como 5 é o resto da divisão de 3275 por 10, segue-se que o numero procurado é o quinto d'aquelles restos, isto é, o numero 10.

Dans le flot des métamorphoses ..

(A EÇA DE ALMEIDA)

Quando a Clarita se finou, coitada!
Cuidei que a dôr me retalhava o peito:
Dobravam sinos... no caixão estreito
Vi-a levar dormente, inanimada!

Pobre creança! a carne delicada
Do teu corpo gentil, de beijos feito,
Ha de, em breve, ficar podre e desfeito
N'essa retorta a que chamaram — Nada!

Nunca mais, nunca mais hei de revel-a,
Aquella rosa estremecida e pura
Cuja essencia fugiu p'ra alguma estrella!

Mas não! que a terra, a grande mãe sombria,
Fará sahir do ventre — sepultura
O seu corpo de novo á luz do dia!...

ALBERTO OSORIO DE CASTRO.

A NOIVA

Havia cinco dias que ella tivera o primeiro filho. Com a cabeça escondida entre tufos de rendas, a noiva adormecia, lan-

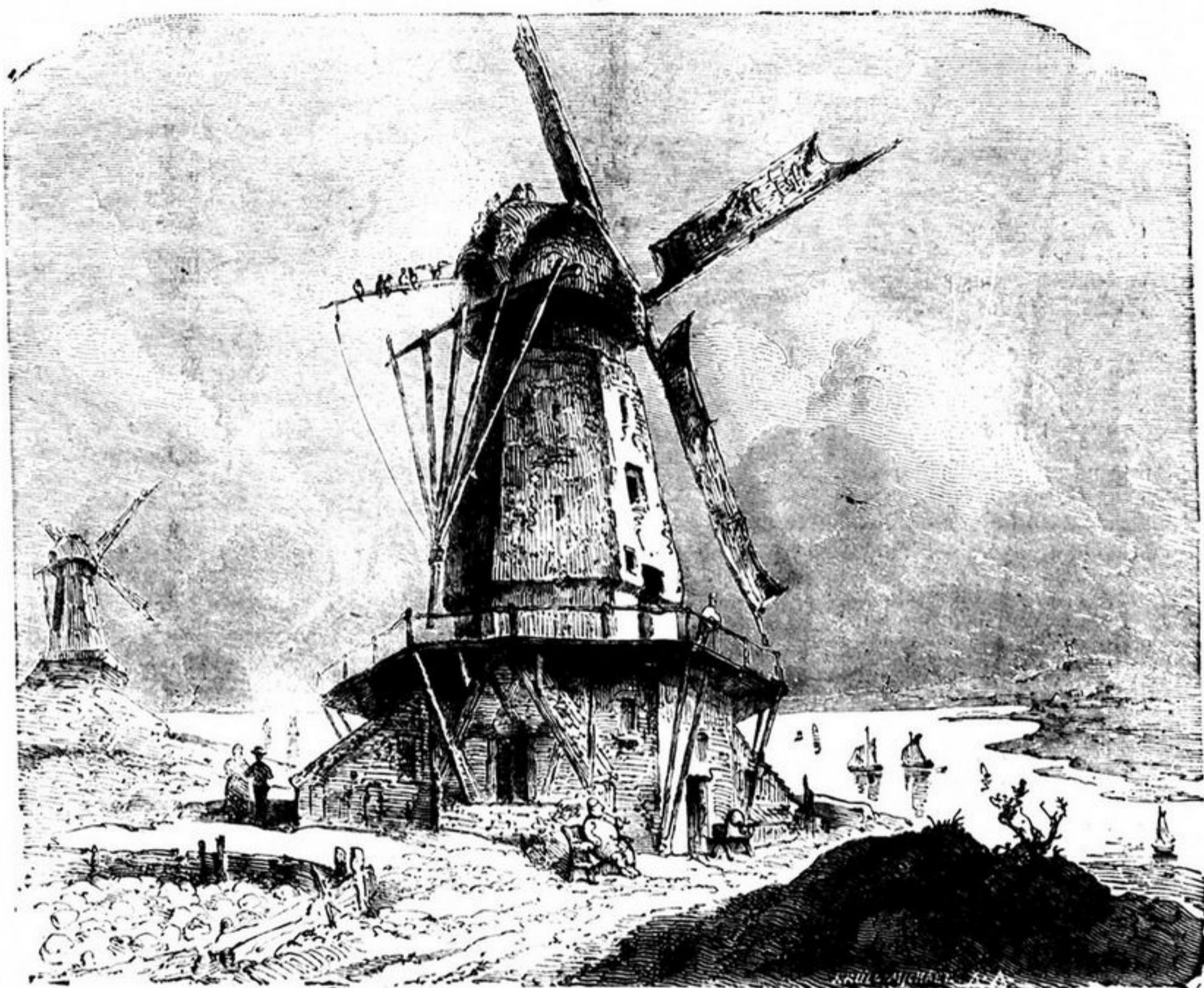
guidamente, tendo os cabellos espalhados sobre as almofadas em ondas de ouro ennovelado e quente.

Era ao entardecer: o sol tentava ainda resistir á escuridão da noite que subia, e no quarto de uma athmosphera balsamica ouvia-se apenas o monotono embalar do berço. Lá fóra, as aves chilreavam incessantemente, descrevendo largas curvas na profunda amplidão do espaço, e, atravez os vidros das janellas, que o sol tingia de varias côres, via-se desenhar, com uma nitidez admiravel, na vastissima téla do Azul, ostentando-se com a magestosa serenidade das cousas immoveis, as ondulações graniticas dos montes e as fórmas exoticas das arvores...

Junto ao leito, afagando aquellas mãos pequeninas e delicadas, ainda pallidas da febre, sob cuja epiderme finissima se distinguiam perfeitamente as linhas azuladas das veias, o marido olhava extasiado aquella figura de anjo, duas vezes sagrado pelos nomes de esposa e de mãe. Ella fitava-o voluptuosamente, os olhos meios fechados, por onde o somno adejava as suas azas enormes, desfolhando papoulas invisiveis, de um narcotismo extremo.

O sol declinava mais e mais: no quarto, os objectos avultavam-se de fórmas, emquanto os espelhos empallideciam nas suas molduras entalhadas, e os vidros, ainda cheios de remedios, projectavam scintillações baças sobre o marmore polido do toucador.

Ella afundava-se, serenamente, no olhar adoravel do marido. A lua começava a inundar de luz o quarto, brincando nas cortinas do leito, bordadas em relevo, e pondo pequeninas filigranas de luz no tecido transparente da cassa; e elles attrahiam-se, apertando as mãos n'uma brandura cálida, mas permanecendo extaticos, mudos, lendo apenas no olhar um do outro o mundo infinito de doçuras que lhes trasbordava da alma.

De subito, um vagido debil, quasi que imperceptivel, sahio do berço: então, como se algum ente invisivel os tivesse approximado, um estremecimento suavissimo percorreu o corpo d'ambos. Ella ergueu-se de repente, puchando-o para si, estendendo-lhe os braços divinamente bellos e nús, como pedindo-lhe que a devorasse n'um longo beijo d'amor.

MOINHOS

Atravez os bordados da camisa, meia despeitorada e aberta, o seio, de uma alvura deslumbrante, desenhava a sua curva musical, arfando n'uma anciedade dulcissima, emquanto os labios embranqueciam pouco a pouco, e os cabellos, espalhados sobre as almofadas, rolavam para o chão, estorcendo-se pelo tapete n'um mar de ouro encapellado, enorme...

E aquellas boccas uniam-se, collavam-se n'uma profusão infinita de beijos, beijos loucos, ardentissimos, d'esses beijos que realisam a fusão de duas almas, e que são n'este mundo o unico reflexo das felicidades do ceu...

A noite ia alta e o luar continuava inundando o quarto e o leito, banhando, com a sua luz suave, o rosto formosissimo da noiva.

Lá fóra, os rouxinoes gemiam a sua ultima ballada, emquanto a Natureza estoirava de calor, e as phalenas, estonteadas de prazer, realisavam connubios voluptuosissimos nos calices vermelhos dos cactos...

EÇA DE ALMEIDA.

A RIR

Um padre annunciara missas a seis vintens. Os collegas, despeitados, fizeram o que se póde fazer em taes circumstancias: queixaram-se ao bispo.

Este chamou o barateiro e reprehendeu-o.

Ao sair, o padre ia resmungando:

—Se elles soubessem o que valem as missas que eu digo, não davam nem dez réis por ellas!

*

N'um baile:

A viscondessa de T.., vendo um jornalista das suas relações fazer a côrte a certa donzellinha extraordinariamente formosa, mas supinamente estupida e semsabor, diz-lhe ao ouvido:

—Meu caro, vejo que não é cego, mas convenço-me, com magua, de que é surdo como uma porta!

UM CONSELHO POR SEMANA

Hoje, por excepção, arriscaremos um conselho de cosinha, ensinando a preparar batatas á flamenga.

Ainda cruas as batatas, tira-se-lhes a pelle, partem-se em quartos e põem-se a coser n'uma cassarola, com assucar, canella, uvas, e vinho branco ou tinto. Serve-se esta especie de marmelada sob um assado qualquer, costeletas, salchichas, etc. Algumas pessoas servem as batatas inteiras, preparadas como acima, mas sem uvas.

De qualquer modo, o prato é delicioso!

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO», TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA